

Crítica de *Memórias perdidas: a noite que se aproxima*, da Cia da Entropia

Por Daniele Avila Small¹

Na noite de quinta-feira, 28 de outubro de 2021, o 35º Festivale apresentou o registro em vídeo de *Memórias perdidas: a noite que se aproxima*, solo de Simone Sobreda com direção de Caren Ruaro. A peça tem como núcleo temático a relação da atriz com a perspectiva do Alzheimer, doença recorrente na sua família, mais especificamente entre as mulheres. O lugar das mulheres na sociedade também está em jogo para essa criação, que conta com o texto de Rogerio Guarapiran, feito a partir da interlocução com as artistas no processo de criação.

Em cena, a atriz passeia por diferentes papéis: a mãe que esquece, a filha que lembra, a mulher que cuida, a voz da ciência – dura e estrangeira, tantas vezes masculina nas suas metodologias e escolhas, mas talvez aqui estigmatizada demais. Em determinado momento, a peça expõe uma disparidade, o percentual de mulheres com Alzheimer é bem maior que o de homens com a mesma doença. Enquanto isso, as pesquisas são feitas principalmente com homens. A construção dos relatos se dá aos poucos e aos pedaços, sem um encadeamento linear, como acontece com a memória e com a subjetividade.

No começo, algumas imagens são trazidas à visualidade da cena por um processo analógico, a partir de um retroprojetor, dispositivo que as gerações mais jovens das classes com acesso a tecnologia digital podem não reconhecer. A textura

¹ Daniele Avila Small (Rio de Janeiro, 1976) é artista de teatro, crítica e curadora. Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO (2019), Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio (2013) e Bacharel em Teoria do Teatro pela UNIRIO (2009). É idealizadora e editora da revista *Questão de Crítica* e presidenta da seção brasileira da Associação Internacional de Críticos de Teatro (AICT-IATC). Tem se dedicado a projetos de formação, teoria e crítica de teatro desde 2011. Em 2017, estreou na direção com *Há mais futuro que passado – um documentário de ficção*. A dramaturgia foi publicada em edição bilíngue português/inglês pela Editora Javali, em 2018. Atualmente, tem se dedicado a ministrar cursos livres no ambiente virtual do Núcleo FAC, com foco em crítica de teatro e análise de espetáculos brasileiros e de outros países latino-americanos.

dos tecidos com os quais Simone identifica a mãe ou a filha, por exemplo, remetem a um universo caseiro, interior, acolhedor. A visualidade do espetáculo, que tem coordenação de Cy Medeiros, faz o trabalho ficar sem muitos contrastes. A palheta de cores em tons pastéis imprime uma certa unidade de tom, que também está nas imagens projetadas. Apesar das tentativas da atriz para marcar as diferenças entre os discursos, apontadas pelo texto e pela direção, é como se os elementos visuais colocassem tudo dentro de um único baú, homogeneizando as forças em tensão. Assim o espetáculo me pareceu preso na própria palidez, quem sabe para espelhar o aprisionamento de uma noção de feminino que, há poucas décadas para algumas e até hoje para tantas, confina mulheres às tarefas domésticas, uma vida com pouca variação de cor. Simone nos conta como ela mesma precisou seguir a recomendação dos pais quanto à escolha da profissão. O teatro veio mais tarde.

A peça nos mostra diferentes aspectos do impacto do Alzheimer sobre a pessoa que está doente e sobre a família, além de trazer informações sobre a doença em si e sobre as deficiências das políticas públicas em um país com população idosa tão numerosa e com alto índice de incidência do Alzheimer. Desse modo, o trabalho contempla tanto um processo pessoal, subjetivo, na vida da artista com uma situação familiar, quanto um projeto que se dedica à conscientização de uma situação social cheia de implicações e complexidades.

Podemos dizer que essa dupla perspectiva tem estado em evidência na cena contemporânea. Artistas de teatro no Brasil têm percebido a necessidade de deixar um pouco de lado a literatura dramática consagrada de outras épocas e de outros territórios para investigar o momento presente a partir de suas próprias experiências ou para colocar em cena as narrativas que constituem outras sensibilidades, outras noções de mulher, de amor, de família, de vida. Assim, o teatro colabora para a criação de mundos menos pautados pela estreiteza do masculino belicoso e ressentido, que tem ocupado espaços demais no nosso imaginário e na vida cotidiana – e que, nos lugares mais decisivos de poder, tem levado o país ao caos. Na conversa realizada após a exibição do registro, esse foi um dos temas discutidos, afinal, essa edição do Festival tem se dedicado especialmente à presença feminina nos lugares de autoria do teatro.

Na programação que tenho acompanhado, identifico esse movimento de se apoderar das narrativas em outros solos femininos, como em (além dos que não

pude ver!) *Amélia*, de Tamara Maria Cardoso, e *No palco com Lélia Abramo*, da Cia Teatro da Cidade, grupo homenageado pelo festival por conta dos seus 31 anos. Deixo registrado aqui o desejo de ver no Festivale o olhar das mulheres não brancas e das mulheres trans, que têm trazido ao pensamento crítico (aliás, desde sempre) perspectivas libertadoras sobre o feminino e sobre nossas noções de gênero. O feminismo não é luta das mulheres cis brancas apenas, pelo contrário, as mais radicais mudanças de paradigma não foram mérito nosso.

Penso que ainda seja pertinente fazer duas breves observações quanto às questões de execução do trabalho. Percebo, na encenação e no modo de atuar, um apego a hábitos do fazer teatral que conferem à cena um certo peso e uma atmosfera um pouco solene, que talvez não combine tanto com o desejo de expor uma perspectiva do tempo presente e com a liberdade de assumir o “eu” da atriz. O modo de fazer parece atado a uma ideia de teatro que, a mim, soa como algo de outro momento histórico.

Além disso, o registro em vídeo feito com a câmera parada, numa relação frontal com a cena, obedecendo a uma tentativa de neutralidade, talvez na tentativa de emular o olhar do público na plateia, não favorece a fruição. Afinal, nenhum olhar é neutro, ninguém assiste a um espetáculo com uma visão fixa. Estudando a recepção do teatro por registros em vídeo, tenho pensado que quanto mais autoral e arriscada a filmagem, mas fiel ela será às características dinâmicas e inquietas da experiência de estar no teatro, onde cada espectador ou espectadora costura nos afetos a sua própria encenação.

